



AZUL

ANNO I.

Pela Arte

TOMO I.

Director: Thiago Peixoto.

Curityba, 8 de Julho de 1900

Inverno

A Dario Vellozo

Inverno! Inverno! duro espículo alfinetante dos gêlos; atroz phantasma nebuloso da humida Siberia triste, que vens rolando ás fortes enchurradas polares das luas-novas de Junho, ou sinto a tua espinescente algidez de mor-

te, como se fôra a sanguadora unha torda de um urso branco da Greolandia, ferir as phantasias bizarras do meu sonho!...

Inverno!.. Inverno!.. sepulcro das minhas emoções moças, que mumificas as nuas fórmas anachreonticas e pindarescas dos plectros; tu, que na superficie alagada dos marnais queimas, com a impiedade dos teus suspiros de neve, os amollecidós tuhos modorrentos dos lyriaes do norte; tu, especreto sombrio das tristezas zodiacaes do Anno, fazes tambem rolarem nas enchurradas das luas-novas de Junho todas as minhas calmas esperanças verdes, nascidas ao clarear das grandes estrelas rutilas do estio...

Detesto-te, ó exótico pesadelo torvo, quando mortificas a minha sensibilidade toda, fustigando o alacre relicario dos meus affectos puros!...

Sinto-te, apalpo-te; ouço o teu solenço eavo no ronronar da vent-

nia humida, e te pões então a escarvar o largo chão duro por onde desfilaram, como sombras defunctas, as claras alegrias auroeaeas das paixões antigas...

Gélos da Irlandia! Gélos da morte!.. Eis as cinzas fugidas dos meus desejos que se vão, revoltos, atravez da levadia onda zimbradora dos pesares, por onde eu avisto um ultimo aceno demorado de risos que não voltam...

Inverno! Inverno! Deixa-me afogar agóra, n'um ultimo raio quente de lagrima, a vaporosa lagrima adusta das minhas queridas magoas inspiradoras...

Vae-te, sepulcro algido e torturante dos meus sonhos!...

Nestor de Castro.



Nestor de Castro

Nentre os bellos espiritos litterarios que florescem nestas terras, um dos que mais nos merece admiracao é o desse artista cujo busto ahí está no portico do «Azul».

Conteur d'uma sensibilidade angelical, quando elle evoca um perfil amado de virgem morta, a sua phrase tem o roxo triste das flores mortuarias, cujo perfume evola-se para o alto, para as estrellas, para o Reino supremo de Mysterio Absoluto.

Mas o que, a nosso ver, caracterisa a sua encantadora feição litteraria é a docura, é o amor, é a affeção, a piedade com que fala d'uma creança, d'um lyrio morto, d'uma monja, d'uma illuzão extincta.

Quando retrata um painel, apanha no espaço o borboletear alegrissimo da luz da manhan, como um riso infantil, na verdura humida das hervagens tenras e sadias; o surdir hilariante da vegetação que se acotovela, que se enlaça, que se beija, que se estrangula cheia de uma mocidade barbara e violenta, d'uma candura ingenua e virginal».

As scenas medievaes teem nelle um enamorado. Mas, o que sobretudo admira, é quando photographa a humanidade com suas dores, suas paixões, seus abyssos.

E, diremos, como Cruz e Souza, referindo-se a um parahaense notavel: «Para arrancar paginas supremas como essas, não é preciso somente ser sol: é preciso baixar á Terra e debruçar-se na corrente de todas as dores humanas.»

BRINDES, a flammula ardente do seu talento, que desfraldou ante os Templarios, poz em evidencia a sua linha pura de belleza, cheia de exquisitas paisagens de magnificencia austera.

Em cada conto daquelle relicario de auroras fulvas e de occasos rubentes, sente-se o soluço emocionante e nobre do seu desejo febril; em cada phrase, requintada de essencias e de sons wagnerianos, sente-se a explosão da sua Fé transcendentalizada e na selecção retorcida da Forma bizarra, vibra o seu erotismo-exotico artisticamente estheticado e palpitante.

Ultimamente a cerebração artistica desse moço tem se desenvolvido poderosamente e o novo livro que elle tem a sahir dos prelos sera uma revelação opulenta do seu talento immenso, será o mensageiro, o portador de toda a luz do seu espírito.

Alem de tudo a robusta intelligencia de Nestor é engrinaldada pela belleza magestosa de sua alma.

E o talento que repousa serenamente no throno das consciencias rectas, no sacrario dos corações bem formados, é o que mais nos merece veneração.

O Conteur dos Brindes, que tão alto tem o seu nome, queira aceitar o affecto e admiracao da Mocidade do «Azul».



S. M. R. E. C. O. X. J. G. N. M. E. S.

II



Ssa que agora está n'um mundo imaginario

Onde passa o neveceiro a murmurar canoro,
Era n'esta existencia a luz e o sanctuario

Da minha Crença e o sol da minha Edade de ouro.

Inda a vejo atraves do meu sonhar plenario,

Como o doco sorrir d'un festival agouro,

Branca e sempre a luzir no rutulo Estrellario,

Sentinella eterna, vêando o meu Thesouro..

Nessa paragem muda onde Ella tem seu leito

De flores sideraes e de brancas espumas,

Alvos Sêres do Olympo vão render-lhe preito.

Pelas restreas da luz que desce dos espacos,

Além do denso véo rendilhado de brumas,

Essa Estrella, sorrindo, inda me estende os braços.

III



Antes outras tambem se foram pelo ethereo

Caminho que condiz aos paramos lucentes,

Doces como o sorriso immaculo e sidereo

Das Virgens do luar dos Sonhos resplendentes.

Todas vivem no Alem de Sonho e do Mysterio!.

— Todas vivem nest'Alma entre cyrios ardentes!

Se est'Alma, agora em luto, é o vasto cemiterio

Das mortas Illusões que repousam silentes.

Toda a terra ficou n'um silencio de nave

Quando a Flor do meu Sér, sem um gesto blasphemico,

Se evolou para o céo como alva pena d'ave.

Meu coração que outr'ora amava o sol e a tudo

E que tudo sentia á flux d'un gozo extremo,

Vaga no mar da vida amortalhado e mudo.

Generoso Borges.

Oração pagan

Como a arcada final da symphonie fecundante da floresta, immobilisava-se aquella nota branca de mulher, n'uma pose de marmore sonhado, embalada pela adormecedora ladainha dos murmúrios. O seu corpo tenuisava-se numa tão grata docura de eôr como si fosse uma fórmia da luz! As linhas, mais adivinhadas do que vistas, diffusas, esbatendo-se na suavissima luz esverdeada do *sous-bois*, parecia diluirem-se, dissolverem-se na tonalidade das manchas que, em volta, dansavam numa ondulação caprichosa de reflexos. O ar afagava-a, condensando-se, numa irradiante brancura lactescente. Loira, de um loiro quente como um pedaço de areal africano, os olhos fri-gidos, rebrilhantes, como pedacitos de porcelana azul, embevecidos n'alguma espiritualisante chi-mera, dilatados na nostalgia das claridades atravessadas, dava a sensação immaterial de uma alma, uma concentração bizarra de calor o neve, alguma coisa de frigidamente doirado como um beijo do Inverno dado no coração do Sol.

E, no entanto, a nossa aguçada sensibilidade meridional cabriolava em gargalhada de ironia ávida, afugentava a caricia invisivel dos Faunos, bafejando, em surdina, odes anacreonticas, e fazendo agitar flocos de pennugem tenué, muito aninhada, como trechos de uni trigal, loirejando, aos laivos, numa geleira. Os desejos aureola-

vam-n'a em prece submissa, diziam canções, sublinhavam mali-cias, espumavam raivas, e, im-potentes, de aza cahida, num ridi-culo cansaço don-juanesco, tombavam como flexas aladas que in-vestem contra a rijeza metallica de uma couraça; agonisavam, de olhar morno, sob a frieza invul-neravel e altiva daquelle sorriso algido.

E ao som do minuete de uma cascata arranjada á moda do grande seculo, num mythologico revestimento de azulejos, puz-me a adorar aquella pincellada de leite e oiro, embevecimento beatifico de um grego, na espiritual abstracção da sonhada Curva, se-pultado já na nostalgia dos céos hellenicos, na branca visualidade de columnatas e porticos, e so-nhando vêr cahir das mãos amo-rosas de Jupiter o pomo da elei-ção e uma voz segredar, entre os loureiraes: *belleza unica!*

Um fremito correu na cathe-dral das folhas como uma litania de almas transmigradas, vozes con-demnadas, vagueando sobre a Fórmá Eterna pelo crime de um desejo insatisfeito, gemiam: *meu amor! meu amor!* e sob o cortejo dolorido o trapejante uma ora-ção rolou no latejar das minhas arterias, caiu tumultuosa dos meus labios tremulos:

— Ideal pagão! phantasma austero e justo que acompanhas numa poeirada de estrellas a cara-vana aureolal dos Idealistas, can-tando numa ancia de perfeição intangivel: antiga e eterna pre-occupação do impeccavel, tu vi-

ves pela imaginada Curva, imolando, num desdem altivo toda a caricia que não seja fria. Todos te possuem, todos te sorriem, todos te enviam cartas em que ha phrases que levam um momento a pensar e séculos a escrever, muitos se suicidam no teu regaço e tu és sem macula, ó Rainha ! A tua Alma rolará no rythmo das espheras, cheia de Belleza e vestida de Graça, tu dirás parabolas no céo, entre frontes olympicas e desgraçadas, descerás aos infernos remir os captivos que uma justiça transitoria e vã sepulta na ignorada treya, terás muitos anjos a acompanharte, e libertarás, num beijo, a Satan, o revoltado de genio. O que tu disseres será cantado de sol a sol e repetido num côro votivo, confessarás nos cadasfalsos e visitarás muitos filhos pelos hospícios ; serás consoladora, ó Mãe ! Reinarás na Luz primitiva que expulsou as sombras, terás os primeiros hymnos das primeiras almas, e extinta Luz no cansaço secular dos Brilhos, tu permanecerás como uma lâmpada inextinguivel de sacrario, de onde irradiará um luzeiro novo que ha-de expulsar as trevas. Eia, pois, Toda-Poderosa, digna lançar sobre nós o olhar redemptor e cheio de reflexos criadores, e dá-nos a Fé

nunca vacillante e a Esperança sempre cheia de cantares. Amém.⁴

E como a lua a viera buscar numa inundação rumorosa de symphonias galantes, em trajo de Pompadour, polvilhada de atomos brancos como se cabriolasse de um baile de carnaval dado nas profundezas do azul, a clara apparição pagan evolou-se como uma bruma do valle e desappareceu nas ondulações infinitas, sempre sorrindo e sempre cheia de frieza, entre uma cohorte de antigos Marimores, para um Templo feito de claridades imortaes...

Vi-a hontem, de golilha alta e seio casto, a essa hora cheia de delicadezas de luz, cendrada e fina, em que um poente verde-esmeralda silhouettava, em sepia, a gracilidade esguia dos campanarios. Toda activa de soberana posse, o busto senhoril e raro, atravessou uma praça entre a multidão acotovelante e grosseira : os janotas olhavam-n'a espantados, na mystificação idiota de bufalos.

E como me viesse, ao *fire à clock absinthe*, num terraço de café, entre um grupo radiante de Artistas, sorriu-me, acenandom-me, de longe, com o seu leque de plumas brancas...

JOÃO BARREIRA.



Olhos verdes

Ao Amelio Santa Rita

Como uma Rainha de balada medieval, tu vivias no mirante enginaldo de flores d'larangeira e circundado do luar das tuas dobradas illusões de noiva.

Subiste, como a Nossa Senhora, numa ascensão de sonhos e de estrelas, nas azas aladas da chimeria, para o claro alto resplidente d'esse céo de esperanças, onde as madrugadas peregrinas desabrochavam aureolando o teu solar azul de lyrio.

Mas a rajada do infortunio atirou-te, borboleta ideal, para os marméis algidos d'a realidade esmagadora, como uma flor da manhan que o vento arroja nos braços abertos dos madeiros erguidos no meio das estradas desertas.

E o sopro agreste do destino, jogou-te, borboleta ideal! nas paredes humidas do convento triste, que repousa, como um grande passaro noctívago, entre o ramalhar dos vedros e das cañarinhas.

Monja branca e fria!

És uma estrella d'ouro que o branco nevocíro velou no manto sérifco do Azul.

A suave terra onde nasceste, a tua terra encantadora, ficou longinquamente para lá das serranias cobertas de neve e que o crepusculo agora ennevôa e entristece.

Lá ficou exposto ao sereno glacial das noitadas de inverno, entre as rozas abertas do campo santo, o teu doce e loiro enamorado.

Tudo trocaste, os teus alegres vestidos côn de roza avelludados, por esse longo habito negro, que te envolve, alvorada do céo!

Deixaste as madrugadas frescas e illuminadas do campo reflorescido, pelo pallor enervante do luar

silencioso que penetra melancólico como um doente, por entre as grades antigas do convento.

Orai pelos sonhos mortos d'essa creança que o martyrio dá o exbelo resplendor de Santa!

Orai por ella, vós outros, noivos ditosos que andaes a sorrir pela estrada da vida.

Orai pela esperança desfeita d'essa monja fria, como o marmore algido de um sepulcro; orai por essa monja que hoje só tem como uma ironia infinita, a côn da esperança nos olhos verdes, coroados já pelo róxo das olheiras.

O doce menestrel que ella amou, dorme de plumas e de elmos, na cova tria tufada de lilazes e de açucenas da aldeia.

Virgens que cantais, emoitando flores, a luz da tarde: orai por essa creança quazi morta!

Orai pelos sonhos esmagados dessa alvorada desfeita!

Orai por esses olhos verdes que fluctuam agora sobre ruinas de sonhos e de tumulos, como a esmeralda d'um eypresto balouçando-se sobre lageas funerarias.

Piedade, Jesus! para essa creança de olhos da côn da esperança!

Piedade para esse lyrio, que viu tudo que amava, morrer em derredor!

Ella está só no mundo boiando entre saudades!

Rezai por ella, virgens do céo!

E pelos olhos verdes, Senhor!

Santa Rita Junior.

SUPPLICA

Ao Eladio Werneck

Dizem sines n'um tem de magoa que apavora
Tanto como do vento o soluçar funereo
Ela, a loira, partio ao despontar da aurora
Para a longe Região do Nada e do Mysterio.

Anjos, almas de luz onde á piedade mera,
Vós que á noite tangeis um rutilo psalterio,
Guai-a pela mão, não n'a deixeis agora
Lagar tristonha e só por esse espaço ethereo.

A sorrir, a sonhar, Ella partio tão pura
Para junto de vós que viveis entre flores
Aos pés do almo Jesus nessa infinita Altura . . .

Oh! guai-a por Deus, ensinai-lhe o caminho . . .
E para Ella pedi á Senhora das Dores
Um olhar de piedade, um maternal carinho.

Adolpho Werneck.

LENDÔ

Fora o ceo d'um azul dia-
phano canta uma roman-
za dulcissima de amor, em-
quanto que sob uma restea
benefica de sol que acaricia-
me os pés, leio recostado
ao divan um conto litterario.
Interno o espirito na-
quelle paisagem subtil do
poeta, daquelle colorido bel-
lissimo onde sob a copada
do arvoredo do pequeno jar-
dim, medita Eloina a palli-
da sonhadora, a poetica a-
mantante do ideal superno.

Vejo-a e pela mente per-
passa-me a idea de roubar-
lhe um beijo á sua cabellei-
ra farta, cujas madeixas de

ouro esvoaçam ao leve soprar
da brisa. Contemplo-a bran-
ca, alva como os lirios do
valle, olhos iminoveis, fitos
na pagina da novella e mi-
nha alma desprendida para
essa vida ideal, vida de poe-
sia e affecto, muito além
deste mundo cruel que nos
prende, gosa a frescura d'a-
quelle paraíso, onde os raios
do sol coando-se pela ala-
meda deusa, doma o chu-
veiro sussurrante do artistico
répucho que se visa além.
Fujo, e ainda diviso ao longe
sob a verde folhagem da
relva e dos roseiraes floridos,
o seu perfil beatifico
de santa . . .

Nicolau dos Santos.

Arte de amanhã

(Barlet e Lejay)

Continuação.

Em outros, estes sentimentos desapparecem para dar lugar a uma grande admiração ante a harmonia de cores tão variadas no mesmo tom ou quasi, tão nuancadas, tão bem graduadas, ante o effeito de luz a um tempo vigoroso e diffuso, quente e flaccido, e cujo segredo Rembrandt possuia. Eis o effeito da Belleza absoluta que emociona a intelligentia.

Indubitablemente o auctor poderia, se o quizesse accentuar um dos dous effeitos em detimento do outro : artista menos perfeito que Rembrandt ter-se-hia levado a um ou a outro excesso. Ouvimos sempre dizer que, por temperamento, uns artistas proclamaram de preferencia a Belleza absoluta, outros a Belleza relativa, nascendo assim duas obras de caracteres inteiramente diferentes ; uma se impondo pela Belleza intrinseca da forma, a outra pelo sentimento do artista.

Não é sem causa que vimos de invocar o exemplo de Rembrandt que prova não datar de hontem o realismo. O realismo entretanto, não convém a todos os temperamentos artisticos; para muitos seus assumptos parecem excessivamente vulgares, indignos da Arte. Para estes as duas especies de Belleza que acabamos de assinalar se reproduzem em tom mais elevado, mais apurado e mais intenso.

Pretendem despertar o sentimento humano ?—Então, applicam-se mais particularmente á disposição nobre e dramatica da scena, aos contrastes energicos do claro-escuro. Teremos nesse caso, para citar ainda o genio assaz fecundo de Rembrandt : O Anjo Raphael e Tobias, ou Jesus curan-

do os enfermos,—tela admiravel em que a luz, espiritualizada pela cabeça do Christo, se torna o centro da accão.

Accaso o artista espiritualista prefere a Belleza absoluta ? Que se dirija directamente a ella : e, então, tudo que a forma tem de material, cõr, modelo, sombra, desapparecerá. A linha e a cor simples restarão apenas com todo o valor symbolico; banhadas em luz uniforme e immergente. Affinizará o possivel o véo corporeo afim de que a Idéa transpareça mais viva, e essa idéa será a do proprio espirito, da fonte de toda Belleza, qualquer que seja o nome sob que se a designe. E' preciso remontar aos primitivos e mesmo aos Byzantinos, para encontrar os mais nitidos exemplos do genero.

Eis quatro escholas principaes :

Duas que se dizem da Belleza absoluta ; o IDEALISMO simplista, conforme a expressão de Sully Prudhomme, vizando o Absoluto representando em nudez quasi completa, envolvendo de luz alvissima a forma reduzida ao minimo.

E o REALISMO, que o mesmo poeta suppõe grosseiro, porque se leva a todas as minudencias, a todas as riquezas, a todas as harmonias da forma para sorprehender a materia no momento em que manifesta sua essencia.

Expediente.

O AZUL será publicado quinzenalmente.

ASSIGNATURA:

2 mil rs. por trimestre.

REDACÇÃO:

Praça da Republica N° 4.